

WORLD
WARCRAFT
FOREVER

The background of the cover features two orc warriors in a forest. On the left, a warrior with long dark hair and a yellow eye is shown in profile, holding a spear. On the right, a larger, more muscular warrior with a beard and a determined expression is shown from the chest up, also holding a spear. They appear to be in a tense moment. The forest is lush with green foliage and a large, bright moon or sun is visible in the background.

INDÔMITO

UNE NOUVELLE DE SEAN COPELAND

ESCRITO POR
SEAN COPELAND

ARTE DE
SURFSIDE 3D

DIRETORA SÊNIOR, DESENVOLVIMENTO
DE HISTÓRIA E FRANQUIA
VENECIA DURAN

GERENTE SÊNIOR, ROTEIRO E LIVROS
MATTHEW COHAN

SUPERVISORA EDITORIAL
CHLOE FRABONI

EDITORA SÊNIOR
MEGAN WALKER

DESIGNER DE MARCA SÊNIOR
SOPHIE ERB

PRODUTORA SÊNIOR
BRIANNE MESSINA

PRODUÇÃO
CARLOS GARCIA RENTA, TAKAYUKI SHIMBO

CONSULTORES DA EQUIPE DE JOGO
RAPHAEL AHAD, JOSHUA GREENFIELD, PHILLIP
HILLENBRAND, JR., CHRIS METZEN,
STACEY PHILLIPS, KOREY REGAN

CONSULTORIA DE HISTÓRIA DO JOGO
SEAN COPELAND

TRADUÇÃO
LUCAS PEIXOTO, MARIANA BARROS



Blizzard.com

© 2026 Blizzard Entertainment, Inc. Blizzard e o logo da Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc., nos EUA ou em outros países.

Publicado pela Blizzard Entertainment.

Esta história é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são frutos da imaginação do autor ou artista ou são usados de modo fictício, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou não, instituições comerciais, acontecimentos ou locais reais é mera coincidência.

A Blizzard Entertainment não exerce controle sobre sites do autor ou de terceiros nem assume qualquer responsabilidade por seu conteúdo.



INDÔMITO

A lâmina do cruzado escarlata decepou a cabeça da Renegada de seus ombros num único golpe luminoso. Dois paladinos próximos vibraram como se tivessem presenciado um truque da Feira de Negraluna, e não uma execução.

“Assassino!”, rouquejou um Renegado preso.

“Curioso, vindo de um cadáver maldito”, retrucou o cruzado.

Cormack inclinou ligeiramente a cabeça ao ouvir aquela voz. Ele jamais a esqueceria, e recordá-la não lhe trazia alegria alguma. Um parente distante. Um amigo. Um irmão de armas.

Seu assassino. O Cruzado Escarlata Arec Brumanto.

O brilho amarelo de olhos que não piscavam observava a cena de longe, imóvel como se pertencesse a algo que esqueceu o que era respirar. A Luz Sagrada começou a se aglomerar, tênue, nas mãos com que ele afastava os arbustos; seu brilho curava lentamente a pele morta. Cormack sacudiu as mãos diante da dor súbita, como se elas tivessem pegado fogo. O brilho se dissipou e, com ele, a dor.

O homem saiu das memórias fragmentadas de Cormack e se tornou realidade diante de seus olhos. Sua armadura era impecável; sua capa, imaculada: o tipo de





limpeza típico de quem jamais pisava num campo de batalha se não fosse obrigado. Os dedos de Cormack se fecharam em torno do martelo de guerra que ele não se lembrava de ter tirado do correame às costas.

“Cruzados! Honremos esta caçada com uma pira. Purificaremos estes monstros em homenagem a alguém importante. Vejamos... Vamos precisar de um verdadeiro parágão da Luz.”

Arec estalou os dedos numa falsa expressão de inspiração, enquanto o nome retorcia ainda mais o sorriso sádico em seu rosto.

“Conheço a alma certa.” Ele se virou, espanando uma sujeira invisível da manopla. “Gavinrad, o Atroz.”

Sem explicação, o nome fez algo se romper dentro de Cormack, e ele soltou um grito gutural: “TRAIDOR!”

Um martelo feito de pura Luz disparou de seu esconderijo e atingiu Arec no peito. O impacto soou mais como uma detonação. O golpe foi tão violento que a onda de choque amassou a armadura de placa do cruzado e lançou terra pelos ares no ponto onde seu corpo caiu.

Cormack avançou com o martelo de guerra em punho antes que os outros cruzados despertassem da surpresa do ataque. Uma lâmina se ergueu por reflexo para bloquear o avanço de Cormack, mas ele abateu seu portador com desdenhosa facilidade enquanto os sussurros da Luz Sagrada acompanhavam o caminho dos golpes do martelo.

“Devia ter ficado enterrado”, disse Arec, rouco, enquanto cambaleava para ficar de pé. “Mas agora vou poder matar você duas ve...”

Um segundo martelo de Luz interrompeu o cruzado no meio da frase. Ossos e armadura dobraram sobre si mesmos com satisfatória irrevogabilidade, estragando o elmo do cruzado e obrigando-o a tirá-lo. O contra-ataque de Arec veio com rapidez anormal, a Luz Sagrada amparando seus ferimentos e seu ímpeto. O martelo de Arec desceu sobre a mão esquerda de Cormack com seu imenso peso, quase separando-a do braço. Cormack gritou e se afastou para examinar o ferimento. Icor escorria livremente da mão, que pendia num ângulo grotesco.

Arec se aproximou lentamente de Cormack para desferir um golpe mortal com o martelo de guerra.

“Está na hora de morrer, monstro.”

“Até que enfim.”

Arec retesou os músculos para brandir o martelo contra o rosto sorridente de Cormack com toda a força que restava em seu corpo contundido. Mas o golpe não veio. Um martelo de Luz despencou do alto sobre sua cabeça exposta. O sangue jorrou livremente da ferida, turvando-lhe a visão enquanto o mundo oscilava sob seus pés. Por um instante, pareceu impossível que ele ainda estivesse de pé. Ainda assim, sustentava-se puramente pela recusa em ceder. Recusa essa que serviria apenas para que Arec apreciasse claramente sua última visão.

Cormack venceu a curta distância entre os dois com velocidade aterradora, tão depressa que parecia ultrapassar a própria sombra. Chocando-se contra Arec, prendeu-o num abraço que escarnecia dos tantos outros que antes haviam compartilhado como irmãos.

As mandíbulas de Cormack se abriram mais do que jamais seria possível em vida, e ele cravou os dentes na carne adocicada da garganta exposta de Arec. Os olhos de Arec se arregalaram de choque. Cormack apertou a mordida com toda a força que tinha e puxou violentamente para trás. A carne da garganta despedaçada de Arec rasgou como um tecido molhado. Sangue espirrou sobre armadura e terra. Um som úmido e borbulhante escapou de Arec quando os restos de sua garganta se soltaram dos dentes de Cormack.

Por um breve instante, permaneceram presos no abraço fatal até que as forças de Arec enfim o abandonaram. Ele tombou, e Cormack ficou de pé sobre ele, o sangue escorrendo pelo queixo e pingando de volta sobre a vítima.

Abateu-se o silêncio. Não um silêncio puro: ainda se ouvia o retinir da armadura de placa enquanto o corpo se debatia na terra em seus estertores. Era tudo o que Arec merecia. Mas, ainda assim, Cormack se perguntou: “O que foi que eu me tornei...?”

Cormack ficou sozinho em meio aos destroços da caravana dos Renegados e de seus atacantes. De repente, lembrou-se dos sobreviventes e percebeu que haviam desaparecido, sinal de que fugiram assim que a luta começou. Os rastros que encontrou eram de almas em pânico, correndo, rastejando e se movendo de qualquer maneira possível para se distanciar da batalha.

Sem aviso, a dor que Cormack vinha suportando o forçou a cair de joelho. Aquilo que em vida ele sempre conhecera como quente, familiar e reconfortante agora era pura agonia em sua morte-viva.





Toda vez que Cormack invocava a Luz Sagrada e a forçava a rastejar por seu corpo destruído, o resultado era costurar uma carne que por natureza recusava reparo, uma dor cauterizante vinda de nervos débeis que não deviam despertar. Ele agarrou a mão esmagada, ajustou-a ao ângulo em que voltaria a lhe servir e se preparou para canalizar a Luz através dela.

Começou a proferir a prece suave e sincera à Luz para curar a mão mutilada. Ela respondeu como sempre fazia agora que ele estava morto. Com violência e sem misericórdia.

O tempo perdeu todo o significado quando a cura começou. Ossos estilhaçados se consolidaram à força. Carne apodrecida se esticou pelos pontos da mão onde o osso estava claramente visível. Cada centímetro do processo de cura ardia com uma dor tão debilitante que a visão sobrenatural de Cormack ficou branca. Para se manter consciente, ele mordeu o cabo do martelo de guerra e gritou até a mandíbula rachar. A dor da cura daquela nova lesão somou-se à sinfonia de sofrimento que se desdobrava por todo o ser de Cormack.

Quando a Luz piedosamente se apagou, Cormack continuou ajoelhado, o peito se movendo como um simulacro da respiração. Um longo tempo se passou até ele ter força de vontade para se levantar.

Ao ficar de pé, baixou os olhos até o tabardo que lhe pendia dos ombros. Um dia, tinha sido de um branco imaculado, marcado de vermelho pelo fogo do propósito, da fé e da certeza. Agora, tal como seu corpo, era uma ruína em frangalhos.

Alisou-o distraidamente. Por um instante, viu-o como no dia em que foi revestido com ele. A Luz parecia emanar do próprio tecido, e o peso sobre seus ombros era o do propósito, não o da morte-viva. O tabardo da Cruzada Escarlate.

Cormack começou a seguir os rastros da fuga dos sobreviventes mortos-vivos. Ele tinha perguntas sobre sua condição, e só eles poderiam responder. Por tê-los salvado, achava que merecia isso. A floresta se fechava ao redor dele enquanto seguia o rastro deixado às pressas. Embora exausto por ter empunhado a Luz, concluiu, a despeito de seu estado, que o bosque adiante estava quieto demais... vigilante demais.

Aquela sensação de um olhar sobre ele não cessou. Assim como ele seguia o rastro, ela o seguia, perto demais para o seu gosto. Mas aquilo que dissecava Cormack de longe não eram animais nem os sobreviventes que ele procurava. Ah, não... Era outra coisa.

Algo muito mais paciente.

A trilha deles não era difícil de seguir. Afinal, era o caminho de gente em pânico.

Cormack atravessou a floresta densa a passos firmes e sem pressa, as botas afundando na mesma terra macia que os pés dos fugitivos haviam revirado na fuga. Galhos partidos, sulcos rasos deixados por passos irregulares, manchas ocasionais de icor. Sinais para quem sabia ler, e eles não haviam ido longe.

O acampamento tornou-se visível quando as árvores ficaram mais esparsas. Embora fosse pouco mais que um amontoado de corpos esfarrapados fingindo repousar, todas as cabeças se viraram quando Cormack se aproximou.

O reconhecimento veio depressa, não pelo rosto, mas pelo tabardo que vestia. Quase todas as mãos se ergueram, trêmulas. Menos uma. Uma morta-viva deu um passo à frente. Suas vestes longas e esvoaçantes estavam remendadas e rasgadas, e seus olhos brilhavam com um fulgor amarelo enfermizo que nada tinha a ver com a vida.

Cormack observou-os em silêncio. “Ainda bem que encontrei vocês.”

A mulher falou pelo grupo. “Pra terminar o serviço?”

Cormack fez pouco caso da acusação. “Não seja tola. Se fosse assim, por que eu teria ajudado?”

O tom dela passou do sarcasmo à raiva.

“Você ajudou?! Eles destruíram tudo!” Ela riu, exasperada. “Inclusive nossa vida! Estamos mortos por causa da sua bendita cruzada, pra começo de conversa!”

Cormack inclinou a cabeça de forma lenta e deliberada. “Duvido”, disse ele. “Vocês só não foram fortes o bastante pra proteger o que importa.”

As palavras atingiram-na como um tapa involuntário no rosto. O semblante da mulher passou da raiva ardente a uma determinação fria e assassina. Fagulhas de fogo começaram a se reunir em suas palmas, enroscando-se em movimentos desordenados. Chamas irromperam por completo em torno das mãos, fazendo estalar o ar enquanto o calor e o frio da noite disputavam por dominação.

“Diz. Isso. De novo.”

Não havia por que se repetir. Cormack já vira aquele olhar incontáveis vezes em





rostos vivos. Nenhuma resposta evitaria o que estava por vir.

Uma lança de fogo rasgou o ar na direção dele. Não era limpa e controlada como as que já vira outros magos lançarem. O voo daquela era furioso e errático. O golpe o atingiu de raspão no ombro, aquecendo a armadura que tocou com um clarão. O calor da chama da maga pareceu uma brisa morna comparado à dor cauterizante que ele agora sentia, com a resposta da Luz ao seu chamado.

Cormack proferiu uma prece rápida ao avançar, amparado pela Luz.

A maga praguejou ao ver aquilo e ergueu em torno de si uma barreira de magia arcana, palavras rúnicas escapando-lhe dos lábios. Afiadas, rápidas e treinadas. Runas arcanas lampejaram e tomaram forma, dobrando-se umas sobre as outras enquanto a realidade se contorcia para acomodar a magia.

O martelo de Cormack não visou a maga, mas o chão bem diante dela. Uma onda de choque de força e terra se abriu em todas as direções, feita para quebrar a concentração da maga, como lhe haviam ensinado no Monastério Escarlata. A terra se abriu com o impacto de seu martelo de guerra, mas a inimiga não estava ali.

Um uivo de vento congelante se chocou contra as costas dele. O avanço do gelo tomou as partes móveis da armadura, esgueirou-se pelas frestas e congelou o tabardo colado ao peito.

A maga havia se reposicionado, com as mãos novamente em movimento, preparando o próximo ataque. A magia arcana explodiu para a frente, e a explosão de frio congelou o espaço entre eles com um gelo tão intenso que cristalizou o próprio ar. Cormack lutou contra suas amarras congeladas. A Luz irrompeu dele, não em sua defesa, mas como um desafio. As energias dela — ou os gritos dele, Cormack não sabia ao certo — rasgaram o gelo, partiram o ar e devoraram os dois na mesma medida.

A dor da Luz foi imediata e avassaladora. A carne apodrecida dele se abriu onde cada ponta daquela energia sagrada forçava passagem. Icor escorreu pelos braços, sibilando e evaporando por completo nos pontos em que a Luz ainda o curava. Ele não parou.

A maga se reposicionou de novo. Estava visivelmente abalada pela recusa de Cormack em ceder, e o paladino já avançava sobre ela antes que pudesse concluir o feitiço. O martelo de guerra meneou num arco brutal. A maga se preparou para o golpe, mas confiou na força da barreira para protegê-la enquanto concluía a conjuração. A barreira foi aniquilada com o impacto.

A cabeça do martelo atingiu a maga no torso em vez da cabeça, onde Cormack mirara, mas a força foi mais que suficiente para surtir efeito. Costelas estalaram. Fragmentos de osso e pele voaram. O feitiço que se formava nas mãos dela desabou, detonando de repente numa reação arcana que lançou os dois em direções opostas.

Um momento depois, a maga tentou se erguer, mas Cormack já estava acima dela com o martelo de guerra erguido. Ela rolou para longe por pouco, a tempo de o martelo esmagar o chão com força suficiente para abrir uma pequena cratera ao lado de sua cabeça.

Ela revidou com uma pequena explosão de magia arcana. A magia saiu sem forma, pela falta de tempo e preparo em seu planejamento. Somente força bruta direcionada. Cormack suportou o impacto. A Luz irrompeu de novo, e seus gritos de dor com ela. A mão enluvada de Cormack agarrou-a pela garganta, ergueu-a do chão e arremessou aquele corpo em decomposição de volta à terra com força imensa, sem desfazer o aperto.

“Desapareça.”

A ordem foi dita em voz baixa. A Luz ouviu seu chamado e respondeu. Um clarão brilhante de Luz disparou de sua mão para dentro da prisioneira. Dourado, radiante e impiedoso em seu exorcismo. Energias sagradas avançaram pela maga, atravessando-lhe o rosto e descendo pelo torso, queimando cada centímetro de carne morta-viva como se fosse inflamável.

Cormack gritava enquanto a Luz calcinava tanto a prisioneira quanto o conjurador. Ela subiu serpenteando pelo braço de Cormack, abrindo um caminho ardente tanto por sua carne rota quanto pela da adversária. O aperto dele se fechou por reflexo no pescoço dela, e ele cerrou a mandíbula com tamanha força que fraturou alguns dentes.

A maga estava imobilizada, convulsionando com o tormento da Luz Sagrada que a consumia. Cormack assomava sobre ela em seus estertores, respirando sem respirar.

A Luz continuou a chamejar o braço dele, consumindo-o tanto quanto a ela. Cormack logo enfraqueceu diante da dor imensa, o aperto se afrouxando à medida que seu controle vacilava.

“Chega”, rouquejou ele.

As energias cauterizantes se abrandaram misericordiosamente, e a Luz desapareceu tão depressa quanto ele a convocara. Uma quietude terrível recaiu sobre toda a área. A maga tossiu icor e cuspiu para a frente, o riso atravessando a dor.

“Pois que um diabo me carregue de novo”, conseguiu dizer. “Você é como nós, afinal.”

Cormack não disse nada. Não era preciso; o afrouxar gradual de seu aperto falava mais alto que seu silêncio.

“Eu sei o que você vê”, rosnou ela. “Abominações. Coisas a serem abatidas sem misericórdia.” Os olhos dela se fixaram no tabardo de Cormack.

“Você até observou os outros se divertirem antes de detê-los. Por que, cruzado? Estava gostando? Diga, de uma abominação pra outra: quem é o monstro de verdade?”

Cormack fechou os olhos e exalou por puro reflexo da respiração. A maga se preparou para uma represália pelo que disse, mas ela nunca veio.

A maga foi solta, mas não se dispôs a levantar de imediato, como se esperasse um truque. Logo se ergueu e caminhou diretamente até Cormack. Perto. Muito perto. Cormack não se mexeu. A maga se inclinou para a frente, estudando-o de uma forma que talvez um dia tivesse sido curiosidade. Ela deu um passo para trás e agarrou o próprio rosto.

Dedos pontiagudos cravaram-se na bochecha, puxando a carne morta sem cuidado nem interesse e sem que seus olhos jamais rompessem o contato com os dele. De repente, os dedos pararam e se afastaram do rosto com um puxão. Entre eles, um verme se contorcia. A maga o lançou contra o cruzado com um peteleco. Ele acertou o rosto de Cormack e caiu.

“Ninguém queria isso”, disse ela, com a voz firme.

“Virar um arremedo de tudo que fomos em vida. Existir a cada dia acorrentado a uma presença que obriga você a fazer coisas indizíveis. Pra depois recuperar o livre arbítrio e existir num mundo que vê você como algo a ser eliminado. Ser completamente renegado.”

A mão de Cormack se fechou no cabo do martelo de guerra que trazia ao lado.

“Mas a nossa Dama Sombria mudou tudo isso”, continuou a maga. “Ela deu sentido a essa existência. Ela abriu à força um lugar nesse mundo miserável onde não precisamos olhar constantemente por cima do ombro nem nos perguntar se merecemos existir.”

Ela gesticulou para os outros. “Ter um único lugar em toda Azeroth onde ninguém tenta devolver você pra terra.” O silêncio se assentou.

“Se a morte é um desafio grande demais pra você, teremos o maior prazer em ajudá-lo a voltar.” Um sorriso fino se formou no rosto dela enquanto os outros sobreviventes se reuniam atrás em solidariedade.

“Não preciso de ajuda. Nem de você, nem de ninguém.” Cormack baixou a cabeça enquanto o grupo retornava à fogueira apagada. A floresta observava. Os sobreviventes conversaram depressa entre si e partiram, deixando Cormack sozinho mais uma vez.

Essa é a minha escolha?

Seu olhar se voltou para o tabardo. Pelo mais breve dos instantes, ele voltou a aparecer limpo em sua memória. O cruzado se viu em posição de sentido, ombros retos, recebendo por merecimento o novo peso. O elogio do comandante às suas vitórias ecoou em sua mente, orgulhoso e indômito.

Cormack se lembrou de acreditar na causa da Cruzada Escarlata. Lembrou-se também da convicção que acompanhava aquela crença inabalável. E então olhou para o que restava. Do corpo moribundo, o tabardo pendia em farrapos; uma relíquia, tal como ele.

Cormack ergueu a mão, agarrou o emblema da Cruzada Escarlata e o arrancou do peito. O tecido se desprendeu da armadura em tiras irregulares, e ele o deixou cair na terra sem cerimônia.

O martelo de guerra logo o seguiu. Seu peso atingiu o chão com um baque surdo. Cormack começou a andar, os olhos fixos adiante em algo que só ele podia ver.

Mais tarde, uma mão se estendeu para recuperar o martelo onde repousava. Estava desfigurada, mas reverente diante do artefato que recolhia.

Um dedo percorreu o cabo desgastado, que parecia, ao mesmo tempo, amado e gasto por muitos anos de uso e cuidado. O dedo continuou a examinar o cabo até parar sobre uma gravação apagada, quase perdida para o desgaste e o tempo. A mensagem fora entalhada com uma letra familiar e continha palavras importantes para todo paladino que fizesse o juramento à Luz Sagrada.

No'Dara'dor.

Nós servimos.

A Luz tremeluziu de leve ao longo do martelo de guerra enquanto a mulher se lembrava do portador original, como se aguardasse o retorno dele.

Cormack estava em pé diante da própria sepultura.

A terra havia sido revirada, escavada à força por dentro. Seu retorno ao mundo dos





vivos fora tão violento quanto sua partida dele. A sepultura aberta parecia o chamar de volta, e ele se ajoelhou, os dedos revolvendo a terra na borda. O chamado do olvido era sombrio e acolhedor.

“Estranho. Não está escrito ‘Cormack, o Covarde’ nessa lápide.”

Cormack estava tão perdido em seu devaneio que não percebeu a aproximação de outra pessoa. Não fazia diferença. “Eu queria mesmo que alguém aparecesse e jogasse a terra de volta em cima de mim”, respondeu ele, sem se virar para encarar a voz.

“E que belo desperdício seria”, respondeu a voz. “Você treinou a vida inteira para servir aos outros, não para desistir quando as coisas ficam difíceis.”

Cormack se virou bruscamente. A raiva e a acusação lhe tomaram primeiro. Estava defensivo. Pronto. Como se tivesse passado esse tempo todo remoendo justamente essa pergunta.

“E o que você poderia saber sobre mim?”, retrucou.

A raiva arrefeceu diante da visão que encontrou. A dona da voz deu um passo em direção ao luar. Sua postura era regular, mas não sua forma. O cabelo era da cor de uma rosa vermelha desbotada, cortado curto e rente à mandíbula. O tipo de corte usado por quem espera luta, não admiração. Prático, deliberado e decidido. A armadura dizia o mesmo. Placas forjadas em tons de roxo, agora reduzidas a um brilho cansado. Cormack percebeu que não estava negligenciada, mas despida de lustro pelo uso prolongado. Presumiu que, assim como a portadora, não fora feita para brilhar, mas para resistir. Mas foram os olhos dela que indicaram, acima de qualquer dúvida, quem ela era. Olhos conscientes, mas sem vida. Morta, assim como ele.

Moldada pela morte, afiada pela sobrevivência e levada adiante por algo sem explicação. “Mais do que você imagina”, disse ela com calma. “Meu nome é Danitha, e eu escolhi tampar minha sepultura”, continuou ela, “não voltar para ela.”

O punho de Cormack se fechou ao lado do corpo. O silêncio se estendeu entre os dois. Por fim, Cormack disse: “Então você fez a escolha errada.”

“Ou a mais difícil.” Ela respondeu enquanto Cormack lhe dava as costas.

“Não existe escolha, na verdade”, disse ele sem emoção. “Só o que é necessário pra nós, monstros.”

“Necessário? Pra quem?”, perguntou ela.

O baque dos ossos da mão de Cormack contra o metal de seu peitoral acentuou o

retorno de sua raiva. “Pra mim”, retrucou ele. “Rejeitado pela Luz? Temido por aqueles que jurei proteger?” Ele olhou para dentro da sepultura. “Sim.”

Mais uma pausa. “Não”, insistiu ela. Cormack imitou um suspiro de cansaço, a decisão aparentemente já tomada. “Poupe-me.”

“Como quiser”, respondeu ela. “Mas me ajude a entender uma coisa antes.” Ela se aproximou. “A Luz rejeita você”, disse ela, sem rodeios. “Ela dilacera você toda vez que você a invoca. Ainda assim, apesar do preço terrível, você continua chamando por ela. É curioso”, concluiu.

Cormack ficou parado, imóvel como a morte.

“Não preciso de olhos para ver que você está em conflito.” Cormack respondeu com uma risada. Uma risada curta e amarga, sem nenhum traço de alegria. “Você está confundindo uma vida inteira de treino e reflexos com propósito.”

“E você está confundindo esse seu ato com nobreza.” A provocação atingiu as frestas mais vulneráveis da armadura mental do cruzado. Ele se virou para encará-la, a raiva fervilhando por trás dos olhos.

“Se quer saber minha opinião”, continuou ela, “só duas coisas impedem que nós, dotados de livre arbítrio, voltemos ao esquecimento. A primeira é ser forte o bastante para ficar de pé quando o mundo nos rejeita. A segunda? Manter a vontade de lutar apesar disso.” A luz sobrenatural dos olhos de Cormack tremeluziu de leve enquanto ele lutava contra a raiva dentro de si, mas ela continuou.

“Por duas vezes, você já provou ser capaz disso.” Ela se aproximou mais. “O que vejo à minha frente é imensamente mais importante que o que jaz atrás de você.”

Cormack a estudou. “Por que você me seguiu?” Um leve sorriso surgiu no rosto dela, e ela virou as mãos para cima como se tivesse sido pega em flagrante. “Eu precisava entender.” Ela inclinou a cabeça. “Então satisfaça minha curiosidade. Por que suportar a Luz, afinal?”

Ele não respondeu. A pergunta arrancou lembranças tênues de orgulho dos recantos da mente dele, como um sonho cuja recordação permanece sempre fora de alcance. Momentos que lhe eram importantes em vida, perdidos na morte-viva.

“Meu mestre sempre insistia que paladinos foram criados como um ideal. Seu propósito deveria ser lutar por aqueles que não podiam lutar por si mesmos. Ele martelava essa ideia depois de cada lição.”

Cormack ergueu os olhos para ela, inquisitivo. As palavras dela soavam familiares, como se já as tivesse ouvido antes, mas a lembrança tivesse se perdido na morte.

Ela respondeu de forma simples. “Seu pai. Gavinrad, o Atroz.”

O mundo de Cormack parou e se estreitou até caber no pequeno espaço entre os dois. Danitha levou lentamente a mão às costas. “E o que ele deu a você”, disse ela, quase casualmente, “jamais devia ser descartado.”

O martelo de guerra caiu ao chão diante dos pés dele. Cormack encarou a arma como se a visse pela primeira vez. As amarras gastas. A cabeça rachada do martelo. E a mensagem que seu pai deixara para ele no cabo. Sua mão se moveu instintivamente para recuperar o que parecia uma parte perdida de si mesmo, enfim encontrada. Tocou-a.

Uma lembrança voltou de repente. Calor. Um sorriso barbudo. Uma voz firme e uma mão sobre seus ombros trêmulos.

“O mundo tem muitos problemas sem respostas fáceis, meu filho. Ao lutar com as escolhas da vida, por menores ou maiores que sejam, é importante saber que a Luz está ao seu lado. Você deve estar disposto a pedir a ajuda dela com todo o coração.”

A lembrança se perdeu mais uma vez. Em seu lugar, Cormack se encheu de propósito. Ele caiu de joelhos e proferiu uma prece fervorosa pela primeira vez desde que despertou. Pedia por um caminho a seguir: libertar-se da morte-viva ou suportá-la até o fim. A Luz não demorou a responder.

Energias sagradas incendiaram cada centímetro de Cormack. Buscando. Queimando. Consumindo. Cada fibra de seu ser gritou enquanto a Luz abria caminho em chamas por seu cadáver, com um calor tão intenso que Cormack pensou que a resposta recebida era a incineração. Todos os músculos de seu corpo se contraíram e se rasgaram a ponto de mutilar ainda mais sua forma. Sua mente chegou perto de se partir sob o peso da dor que o dominava. Sua mente gritou para resistir, para recusar o que estava acontecendo. Com um último resquício de sanidade, Cormack abriu lentamente os braços.

“Pai”, sussurrou ele, com uma voz baixa demais para ser ouvida.

A conflagração de Luz se contorceu e ardeu diante de sua súplica, as energias sagradas queimando com mais brilho do que antes... Até que, de repente, tudo cessou, e a escuridão retornou ao espaço entre os paladinos. Cormack não ousou se mover. A dor de sua prece permanecia sobre sua forma amaldiçoada, mas agora se mexia por dentro.

Transformada. A dor permaneceu, mas sob ela havia algo inteiramente novo.

Calor. Esperança. As bênçãos da própria Luz.

Os olhos de Cormack se arregalaram com a revelação. Suas mãos reluziam; a Luz dançava ao redor dos dedos, sem devorá-los, mas se assentando. Curando. Ele flexionou os dedos e ergueu a mão ao rosto, tocando a carne morta. E pela primeira vez desde seu retorno, sentiu alguma coisa. Algo verdadeiro. Frio. Áspero. Real. Cormack ergueu os olhos para Danitha.

“Você não está sozinho nisso”, disse ela, suavemente. “Você merece ficar entre nós, irmão.”

Ela estendeu a mão para Cormack. “Esarus no’Darador, filho de Gavinrad.” Essas palavras o atingiram mais fundo que todas as anteriores. “Pelo sangue e pela honra”, disse ela, “você ainda pode servir.”

A frase na Língua Antiga perdurou em sua mente. Era um juramento. Uma promessa. Um compromisso que assumira em vida e que retornava a ele na morte. Cormack fechou a mão em torno do pulso de Danitha, e ela o puxou para cima vigorosamente. O martelo recuperado estava firme em sua mão. Quando encontrou o sorriso dela, algo dentro dele se solidificou pela primeira vez. Não restaurado, não perfeito, mas inteiro. Cormack se afastou da sepultura.

“Mostre-me o caminho de casa, irmã.”

